

PORTUGAL

Vitória socialista com maioria absoluta

Partido do primeiro-ministro António Costa vence com folga as eleições legislativas antecipadas e consegue mais de 116 assentos no Parlamento. Extrema-direita cresce, emplaca 12 representantes e se torna a terceira força política do país

Com ampla vantagem sobre o Partido Social Democrata (PSD), o primeiro-ministro socialista português António Costa venceu as legislativas e, mesmo sem o apoio dos tradicionais aliados de esquerda, obteve a maioria absoluta no Parlamento. As eleições, antecipadas em dois anos depois que o orçamento de 2022 foi reprovado, registraram o avanço da extrema-direita: o Chega pulou de uma cadeira, em 2019, para atuais 11, tornando-se a terceira força política de Portugal.

No discurso da vitória, António Costa pregou a unidade política. "Uma maioria absoluta não é um governo absoluto, não é governar sozinho. É governar com e para todos os portugueses. Essa maioria será de diálogo, com todas as forças políticas que representam os portugueses na Assembleia da República." O primeiro-ministro mandou um recado aos ex-aliados: "Os portugueses mostraram um cartão vermelho para qualquer crise política".

Até a véspera da votação, as pesquisas indicavam empate técnico entre o PS e o PSD. Porém, ao contrário do que previam as estimativas, o partido de Rui Rio elegeu um número significativamente menor. Pouco antes da 1h de hoje (horário local), a agremiação havia conquistado 71 assentos (27,8%), contra os 117 (41,68%) obtidos pelos socialistas.

"Castigo"

O desempenho inexpressivo do Bloco de Esquerdas (três cadeiras) e dos comunistas (quatro, na coligação com os verdes) foi, segundo a imprensa portuguesa, um "castigo" imposto pelos eleitores às agremiações, por terem rejeitado a proposta orçamentária em outubro, deixando os socialistas

AFP



AFP



Rui Rio, do PSD: desempenho abaixo do previsto

isolados. Nem a alta nos casos de covid afastou os portugueses das urnas: com 42% de abstenção, foi a eleição com maior participação

do eleitorado, desde 2005. "Nós ficamos com o resultado eleitoral substancialmente abaixo daquilo que pensávamos que

íamos ter", admitiu Rui Rios, no discurso em que admitiu a derrota. Mais tarde, disse que "iremos ver se o PS vai negociar, mesmo com maioria absoluta". Questionado sobre a permanência na liderança do partido, se recusou a dizer se abrirá mão do posto. Segundo ele, a decisão é da agremiação. Rios, porém, acenou com a saída. "Não sou de dramas, já disse que sou o primeiro a não conseguir argumentar em que é que posso ser útil", disse o líder da centro-direita aos jornalistas.

Coordenadora nacional do Bloco de Esquerdas, a deputada Catarina Martins afirmou, em uma entrevista coletiva, que a derrota pode ser atribuída a uma suposta estratégia do PS de

"criar uma crise artificial" para conseguir maioria absoluta. "Foi uma campanha muito difícil, com uma bipolarização falsa e uma enorme pressão do voto útil, que penalizou os partidos à esquerda", disse.

Questionada se o bloco estaria arrependido de votar contra o orçamento apresentado por António Costa no ano passado, a parlamentar disse que "os partidos não podem mudar de convicção como quem muda de camisa por causa de resultados eleitorais". Com a maioria, porém, o primeiro-ministro não dependerá dos votos dos antigos aliados para aprovar a proposta. Catarina Martins também comentou o avanço da extrema-direita: "Cada



Uma maioria absoluta não é um governo absoluto, não é governar sozinho"

António Costa,
primeiro-ministro português

deputado racista eleito no Parlamento português é um deputado racista a mais, e aqui estaremos para combatê-los todos os dias".

De origem indiana, António Costa, advogado de 60 anos, viu seu mandato em jogo no fim do ano passado, com a retirada do apoio de seus aliados. Foi graças ao pacto inédito com a esquerda radical e os comunistas que o ex-prefeito de Lisboa chegou ao poder em 2015, após eleições que tinha perdido. Porém, mesmo garantindo que não vai governar sozinho, jamais escondeu o descontentamento em ter de costurar alianças.

Bastante popular, ele aproveitou a recuperação econômica para eliminar as medidas de austeridade implementadas pela direita e continuou saneando as contas públicas para ajustá-las às normas orçamentárias europeias. Em seguida, venceu as legislativas de outubro de 2019 sem dispor de maioria absoluta. Mas não quis renovar a aliança com seus apoiadores da esquerda radical, que acabaram abandonando-o durante as negociações sobre o orçamento de 2022. "António Costa é um político muito experiente e ambicioso. Em certos contextos são qualidades, em outros podem ser vistos como um defeito", define o cientista político José Santana Pereira, da Universidade de Lisboa.

UCRÂNIA

Sem militares da Otan

O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Jens Stoltenberg, descartou, ontem, a possibilidade de enviar tropas de combate à Ucrânia, em caso da invasão da Rússia. Em entrevista à rede britânica BBC, ele classificou a Ucrânia como "um aliado". Assinalou, contudo, que o país não é parte da aliança. Na véspera, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, anunciou a intenção de propor à Otan uma mobilização militar para responder ao aumento da "hostilidade russa".

Segundo Stoltenberg, a organização está concentrada em apoiar a Ucrânia em sua "autodefesa". Além disso, lembrou que os membros da organização já deixaram claro à Rússia que haverá sanções pesadas em caso de invasão do território ucraniano. O secretário-geral disse ainda que a Otan busca uma "abordagem equilibrada", deixando claro que poderá haver sanções, mas almejando uma solução política para a crise, evitando, assim, uma ação militar.

Ontem, Estados Unidos e Reino Unido ameaçaram a Rússia com novas medidas punitivas, ao mesmo tempo em que foram intensificados os esforços diplomáticos para evitar o conflito. "Vamos anunciar no fim da semana uma melhora na legislação de sanções para que possamos atingir um amplo espectro de interesses russos de importância para o Kremlin", explicou a chanceler britânica, Liz Truss, à emissora Sky News.

Em Washington, congressistas afirmaram que estão próximos de um acordo sobre um projeto de lei que prevê duras penalidades ao Kremlin. O influente senador democrata Bob Menéndez prometeu, em declarações à emissora CNN, "consequências graves" para Moscou se a Ucrânia for invadida. O republicano, Jim Risch, por sua vez falou de um "preço devastador" para o presidente da Rússia, Vladimir Putin.

Num momento de tensão máxima, Londres e Washington cogitam que as punições passem pelo gasoduto estratégico Nord Stream 2, entre

a Rússia e a Alemanha, ou o acesso de Moscou a transações em dólares, principal moeda do comércio internacional. Diante dessas novas ameaças, Moscou exigiu ser tratado em igualdade de condições por Washington.

"Queremos relações boas, equitativas, de respeito mútuo com os Estados Unidos, como com todos os países do mundo", declarou o ministro russo das Relações Exteriores, Serguei Lavrov. Ele assinalou que Moscou "não quer permanecer em uma posição" na qual sua segurança "seja violada diariamente", como aconteceria se a Ucrânia fosse incorporada à Otan. Por fim, disse que o Kremlin continuará buscando "garantias juridicamente vinculantes" que levem em consideração os "interesses legítimos" dos russos.

Diante da gravidade do cenário, a Ucrânia pediu a Moscou que retire suas tropas mobilizadas ao longo da fronteira entre os dois países e que continue o diálogo com os ocidentais, se quiser "a sério" uma desescalada das tensões.

Marcha pelos 50 anos do Domingo Sangrento

AFP



Milhares de pessoas marcharam, ontem, em Londonderry, na Irlanda do Norte, para pedir justiça às famílias das vítimas do Domingo Sangrento, ocorrido há 50 anos. "Foi um massacre em nossas ruas", lembrou Michael McKinney, que teve o irmão assassinado durante a manifestação pacífica pelos direitos civis que terminou em um banho de

sangue em 30 de janeiro de 1972 na segunda maior cidade do país. Na ocasião, lembrou como um dos dias mais sombrios da história recente do Reino Unido, 13 manifestantes foram mortos a tiros por soldados britânicos e pelo menos 15 ficaram feridos. Posteriormente, um 14º morreu devido à gravidade das lesões. O primeiro-ministro irlandês,

Micheal Martin, tornou-se o primeiro líder da República da Irlanda a participar da cerimônia anual. Ele e o chanceler Simon Coveney depositaram flores no memorial em homenagem às vítimas. "O processo completo e a justiça dos tribunais devem ser implementados", defendeu Martin, após um encontro privado com parentes das vítimas.